

Jantar com Luís Eduardo ainda não sela paz

Salvador — O presidente Fernando Henrique Cardoso jantou com o presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), na noite de quinta-feira, na Base Naval de Aratu, onde está hospedado para um descanso em família. O convite foi recebido com simpatia pelo PFL baiano, mas não foi suficiente para selar um acordo de paz com o Governo.

“O encontro foi muito bom, mas isto não quer dizer que as mágoas estão superadas”, resumiu o senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), numa referência velada aos maus-tratos do Governo nos

episódios da intervenção federal no Banco Econômico e da pasta cor-de-rosa. O senador admitiu que o gesto do Presidente significa que “politicamente os assuntos vão bem”.

Mais discreto, Luís Eduardo negou-se a comentar os assuntos tratados com Fernando Henrique. “Conversaram sobre amenidades”, disse o deputado, que até ontem não havia falado com o Presidente sequer por telefone. “Se ele precisasse falar comigo, teria me chamado”, disse Antônio Carlos, ao salientar que não pretende procurar Fernando Henrique. “Sou

um homem educado; respeitarei o descanso do Presidente da República”. Ele atribuiu o convite a Luís Eduardo ao fato de seu filho ocupar a cadeira de presidente da Câmara. “Este é um cargo muito importante, que implica em uma agenda a tratar”.

Mágoa — O senador deu-se por satisfeito com a visita presidencial à Bahia. Em sua avaliação, a decisão do Presidente de escolher Salvador entre outras opções de descanso sinaliza que a solução para o caso Econômico está próxima. Mas além da irritação com a maneira que o Governo conduziu a intervenção fe-

deral no banco baiano, fica a mágoa de seu grupo por conta do comportamento do Presidente em relação ao vazamento da pasta cor-de-rosa.

“Isso não é jeito de se tratar um aliado importante como Luís Eduardo”, reclamou o deputado José Carlos Aleluia (PFL-BA). Sintetizou, aí, a revolta dos baianos contra o fato de ninguém do Governo ter saído em defesa de Luís Eduardo, envolvido no episódio da pasta rosa mesmo com o nome fora da lista dos políticos financiados pelo Banco Econômico em 1990.